

NOSSO COSTADO JUDAICO

Entre passos e rastros — presença judaica na literatura brasileira contemporânea, de Berta Waldman. São Paulo: Perspectiva, 2003, 200 pp.

Vilma Arêas

Este apurado ensaio de Berta Waldman — como a identidade brasileira, "um corpo fragmentado" — ajusta-se inteiramente ao sentido de *ensaio*: antes lugar em que um autor se interroga que tábua de certezas. Assim é que acompanhamos o fio lábil de uma razão que não procura soluções e que, em vez disso, generosamente reúne elementos para que o leitor, por sua conta e risco, elabore suas próprias razões e conclusão possível.

O subtítulo do ensaio, "Presença judaica na literatura brasileira contemporânea", permite talvez sua inclusão num ramo dos estudos culturais, se se

levar em conta o leque de suas particularidades. Aqui a minuciosa análise literária investiga o caráter problemático da identidade de grupos étnicos no corpo de uma cultura, por mais instável que seja tal definição. Articula-se ainda de modo particular com a notável antologia *Entre dois mundos*, com seleção e notas de Jacó Guinsburg, Ruth Simis, Geraldo G. de Souza e Anatol Rosenfeld, que também assina a Introdução, na qual afirma, de igual modo, que o ensaio não pretende "polemizar, atacar, mostrar rumos para reformar"¹.

A autora é clara em seus propósitos: a leitura não tem caráter conclusivo e o foco, intencionalmente estreito, é "a interferência da tradição judaica em nossa literatura". Como moldura, o fluxo migratório dos finais do século XIX a meados do XX, já sob o governo autoritário de Vargas. Mas o interesse definiti-

(1) Rosenfeld, Anatol. "Introdução". In: *Entre dois mundos*. São Paulo: Perspectiva, 1967.

vo do ensaio é o modo pelo qual o sistema brasileiro, incluindo-se dominação de classe e de grupos, "vira" literatura, isto é, que tipo de escrita pode se articular com tal sociedade. Na outra ponta do fio o texto ilumina tópicos e características da cultura judaica, suas linhas de resistência ou adesão à cultura do país. Atenta à tensão criada pelas faces multiplicadas dessa história, Waldman trabalha a partir de zonas fronteiriças ou de passagem. Se é impossível, diz a autora, a conjugação "do ser judeu e do ser brasileiro [...], é possível, e a literatura o faz, escavar os entrelugares, o ponto de intersecção de identidades, línguas, culturas, tradições, que evita a polaridade de binários, forjando uma terceira posição que reconhece as duas outras, mas flui em trilho próprio".

O livro se compõe em quatro partes, nas quais se distribuem 23 estudos. O grande interesse deles é que não se detêm apenas em autores de grande fortuna crítica, como Clarice Lispector e Moacyr Scliar, mas também valorizam escritores pouco estudados, como o talentoso Samuel Rawet (injustamente esquecido), Bernardo Ajzenberg, Jacó Guinsburg, Lúcia Aizim e Moacir Amâncio. "Samuel Rawet em companhia" inclui ainda Roney Cytrynowicz e Samuel Reibscheid. O ensaio se fecha com um olhar sobre um aspecto particular da imigração no Brasil, a prostituição, analisada em "Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX", nos textos de Valêncio Xavier e Hilário Tácito.

Esse traçado geral circunda o ponto inflamado do ensaio: com que critérios podemos considerar judaicos certos textos ficcionais em língua portuguesa? A ouvir os autores, alguns problematizam a questão, como Clarice e Rawet². A primeira instala-se num lugar paradoxal, afirmando que nasceu na Rússia, mas não é russa, é judia, sendo na verdade brasileira. "Ponto e pronto". Por outro lado, observa Waldman, a figuração do judaísmo é distinta se compararmos a poesia de Lúcia Aizim, predominantemente temática, com a de Moacir Amâncio, aliás judeu por opção.

Embora selecione os traços mais aparentes que poderiam caracterizar essa pertença — motivos bíblicos, linguagem sincopada e texto fragmentário —, a circularidade, "modo de contar que fica entre o co-

mentário e a crítica", faz-se denominador comum e introduz em português "uma tradição estranha ao país, naturalizando-a, de certo modo, sem com isso subtraí-la de seu lugar original". Será portanto na aproximação das camadas mais profundas dos textos, onde se arquivam a história e a errância do povo judeu, que se poderá verificar a interferência da cultura judaica em nossa literatura. Às vezes na forma de uma lente, com a intenção de orientar o texto a uma proto-história exemplar. Essa lente pode ser nomeada, por exemplo, Macabéia em *A hora da estrela*, de Clarice. A análise, uma das mais delicadas de *Entre passos e rastros*, nem por isso omite ousadia interpretativa: por meio do nome da retirante nordestina, associada ao Livro dos Macabeus, que tematiza a resistência à opressão política, Waldman observa que o romance pode propiciar, "pelo avesso, uma visão do judaísmo problematizada pela escritora". Não deseja transformar Clarice em "escritora étnica", nem imobilizá-la num gueto literário, mas guiada pela evocação bíblica lê também a errância da nordestina como derivada de sua ignorância a respeito do sentido do próprio nome. Macabéia assim permanece longe da verdade e erra. Fiel a tal conteúdo, a forma também falha, no impasse de pretender expressar o que "não tem nome".

Em muitos momentos a ensaísta reafirma que extravios, fragmentação, linguagem gagá, consciência da distância entre realidade e representação, de onde às vezes derivam tateios e volteios, fazem parte da modernidade e seus descaminhos, que atravessam a experiência brasileira. Nessa linha, levanta a hipótese da mediação do cordel nordestino para a alusão aos macabeus em *A hora da estrela*. Também a ficção intimista de Rawet, "com muitos representantes na literatura brasileira", tem como interlocutor privilegiado Oswaldo Goeldi, que não é judeu, e cujas figuras, no dizer de Rodrigo Naves, "não têm para onde ir, embora estejam sempre a caminho", "vivem de costas para a luz"³.

A citação se articula com os argumentos de generalização dos traços judaicos que se multiplicam no ensaio: o Judeu Errante é tema não apenas judaico, existindo também no cordel; o exílio em Amâncio não faz parte de sua própria experiência, é sim vinculado à "condição do homem contemporâneo"; a forma poética de Lúcia Aizim, com temas

(2) Quanto a essas questões, remeto o leitor ao notável retrato de Anatol Rosenfeld traçado por Roberto Schwarz: "Anatol Rosenfeld, um intelectual estrangeiro". In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

(3) Naves, Rodrigo. *Goeldi*. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

judaicos, é "marcadamente luso-brasileira". E podemos concluir que assim se cumpre o projeto do livro, isto é, acrescentar, "entre traços e rastros", outros tons à compreensão de nossa cultura, que modifica e é modificada ao incorporar outros povos e outras histórias. Por outro lado, por suas qualidades literárias — e aí a autora se distancia de uma grande

tendência culturalista —, o ensaio se aproxima da própria experiência imaginária que, segundo Rosenfeld, "é sempre catarse, libertação e purificação".

Vilma Arêas é professora de Literatura Brasileira na Unicamp. Publicou nesta revista "A idéia e a forma: a ficção de Modesto Carone" (nº 49).